

## **Geração Sanduíche no Brasil: realidade ou mito?**

**Jordana Cristina de Jesus<sup>1</sup>**

**Simone Wajnman<sup>2</sup>**

**<sup>1,2</sup>Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**

## RESUMO

A “Geração Sanduíche” (GS) pode ser definida como os adultos comprimidos por demandas de filhos e de pais, sendo predominantemente composta por mulheres. O propósito deste estudo foi identificar e caracterizar a GS no Brasil, com base na Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios de 2008. Foram analisados os contextos de coresidência multigeracional com demandas potenciais por parte das gerações de filho(s) e de mãe. Observou-se uma maior prevalência de demandas potenciais simultâneas no domicílio para as mulheres de 40 a 49 anos, grupo que foi definido como GS. Verificou-se que o cenário de ensanduchamento não representa o caso típico na vida das mulheres em meia idade, já que características como escolaridade, participação no mercado de trabalho e raça, que se associam positivamente à de filhos de menos de 14 anos no domicílio são as que se associam negativamente à coresidência com mães com algum tipo de incapacidade, resultando em baixas prevalências de ambas as situações simultâneas.

**Palavras-chave:** geração sanduíche, relações intergeracionais, PNAD, Brasil

## Sandwich Generation in Brazil: reality or myth?

### ABSTRACT

The "Sandwich Generation" (SG) can be defined as a generation of people who are caring for their aging parents while supporting their own children, predominantly composed of women. The purpose of this study was to identify and characterize the SG in Brazil, based on National Sample Household Survey of 2008. We analyzed women that have to deal with the potential demands of coresident mother and children. There was a higher prevalence of potential simultaneous demands at the household for women aged 40 to 49 years. This group was defined as SG. The results show that to be sandwiched does not represent the typical role of women in the middle ages, since characteristics such as education, labor force participation and race, which are positively associated with the presence of children under age 14 at the household are those negatively associated with the presence of mothers with disability, leading to low prevalence of simultaneous demands.

**Keywords:** sandwich generation, intergenerational relations, PNAD, Brazil

## INTRODUÇÃO

No passado as relações entre mais de duas gerações eram não apenas raras, mas também muito pouco duradouras, isso porque a alta mortalidade impedia que as gerações coexistissem o tempo suficiente que permitisse esse cenário (Wajnman, 2012). Entretanto, a maior parte das sociedades experimentaram mudanças importantes em sua dinâmica demográfica, fazendo com que essa situação deixasse de ser exceção na vida das pessoas e passasse a ser comum.

A cossobrevivência de várias gerações é muitas vezes vista de maneira positiva, uma vez que as pessoas agora compartilham períodos de suas vidas com parentes de diferentes faixas etárias e por mais tempo. Por outro lado, a concomitância dessa sobrevivência pode significar uma sobrecarga sobre a geração que ocupa a posição de centralidade entre elas. Essa geração, que tende a fornecer, simultaneamente, cuidados às gerações ascendente e descendente, tem sido nomeada na literatura de Geração Sanduíche.

A metáfora de sanduíche é utilizada para descrever a compressão entre gerações. A Geração Sanduíche pode ser definida como o grupo de adultos em meia idade comprimidos por demandas simultâneas de um ou ambos pais sobreviventes e de filhos e/ou netos dependentes (Miller, 1981).

O Brasil experimentou significativas mudanças demográficas ao longo das últimas décadas que alteraram as tendências da existência de Gerações Sanduíche, como a redução da fecundidade e o aumento da expectativa de vida. Mesmo com essas mudanças, a literatura nacional ainda é incipiente sobre questões multigeracionais, principalmente no que tange à Geração Sanduíche.

Neste trabalho, investiga-se a ocorrência da Geração Sanduíche no Brasil, discutindo as situações de cossobrevivência<sup>1</sup> e coresidência<sup>2</sup> e de potencial dependência entre três

---

<sup>1</sup> O termo cossobrevivência é usado para descrever a sobrevivência simultânea das gerações que serão analisadas. Para os intuítos desse trabalho, o termo é usado sempre que se deseja deixar explícito que a mãe da mulher da Geração Sanduíche está viva, assim como a geração de filho(s), configurando a disponibilidade – ou oferta – desses parentes.

<sup>2</sup> O termo coresidência é usado para descrever a coresidência simultânea das gerações analisadas. A situação de coresidência é aquela em que a mulher da Geração Sanduíche divide o mesmo domicílio com a mãe e os filhos.

gerações. Os objetivos deste trabalho são, em primeiro lugar, identificar empiricamente qual é o grupo etário que pode ser melhor identificado como Geração Sanduíche no Brasil. Em segundo lugar, descrever as características sociodemográficas e econômicas desta geração.

## REVISÃO DA LITERATURA

Desde a década de 80, os demógrafos têm se conscientizado das tendências de aumento de ocorrência de gerações "imprensadas". A metáfora de sanduíche tem sido utilizada para descrever a compressão entre gerações, motivando o termo Geração Sanduíche (GS). Entre os primeiros estudos tratando do tema, está o de Miller (1981), que define a GS como os adultos em meia idade comprimidos por demandas simultâneas de um ou ambos os pais sobreviventes e de filhos adultos e/ou netos dependentes. Estudos desenvolvidos posteriormente chamaram a atenção para o fato de que as mulheres, claramente, forneciam a maior parte dos cuidados exigidos<sup>3</sup>.

Muitos autores se debruçaram sobre o exercício de determinar qual seria a magnitude desse fenômeno, ou seja, qual seria de fato o percentual de pessoas adultas que podem ser classificadas como pertencentes à GS. Para Künemund (2006), os estudos iniciais sobre a GS não previam informações confiáveis da proporção de adultos ensanduichados. A fragilidade que o autor aponta é que a hipótese de que pais sobreviventes, demanda dos filhos por cuidados e participação na força de trabalho são situações que, tipicamente, coincidem, não é de fato comprovada por análises empíricas. Isso significa que a característica ressaltada das demandas, a simultaneidade, pode não ter sido avaliada de maneira devida. O simples fato de haver mais pais sobreviventes e de maior participação das mulheres no mercado de trabalho, por si só, não deveria ser o problema. O ponto que deve ser avaliado é a concomitância desses eventos, que poderiam então, gerar sobrecarga.

Os achados de Rosenthal et al (1996), para o Canadá, confirmam tal hipótese, concluindo que estar comprimido entre essas demandas não é o evento típico na vida dos adultos. Pierret (2006), fazendo uso do *National Longitudinal Survey of Young Women* da década de 90, encontrou que apenas 9% das mulheres estadunidenses nas idades entre 40 e 50 anos forneciam apoio substancial para essas gerações demandantes. Uma análise empírica

---

<sup>3</sup> Brody (1981, 1990), Coward e Dwyer (1990).

para Suíça, um país caracterizado por uma tradição de formação familiar tardia, ilustra que apenas uma minoria, entre 6% e 7% de mulheres com idade entre 40 a 49 anos, experimentavam a situação de ensanduichamento (Höpflinger e Baumgartner, 1999). Na Grã-Bretanha, as estimativas de Evandrou *et al* (2002) para a proporção de indivíduos na meia-idade que têm várias funções, em termos de trabalho remunerado e cuidado da família, é de apenas 2%. Isto é principalmente devido à proporção relativamente pequena (7%) de pessoas nessa faixa etária que está cuidando de um dependente. Resultados mais recentes, como os de Wiemers e Bianchi (2013) apontam que apenas 3% das mulheres nessa posição central fornecia algum tipo de apoio concomitantemente aos pais idosos e aos filhos jovens, em 2007, nos EUA.

Como vários autores destacaram, as definições de apoio e cuidados pessoais assumem papel muito relevante, já que é a partir delas que se categoriza o indivíduo como sendo pertencente ou não à GS (Kahn et al 2014, Künemund, 2006; Pierret, 2006).

Essas variações quanto à definição do que seria o cuidado oferecido de maneira simultânea pela GS a seus dependentes podem explicar a grande amplitude dos resultados encontrados sobre o tema. Künemund (2006) destaca que de 1 a 80% dos adultos analisados na literatura podem ser classificados como pertencentes a essa geração. À medida que se caminha de definições mais amplas, que exigem apenas a sobrevivência de tais gerações, para aquelas mais precisas, que exigem concomitância de cuidado efetivo aos pais, filhos corresidentes e participação na força de trabalho, naturalmente, a proporção de pessoas pertencentes à GS diminui.

Mesmo entre características mais objetivas, ainda há importantes variações nos estudos. Grundy e Hernetta (2006) consideram as mulheres com idade entre 55 e 69 anos, já Pierret (2006) estima qual é a parcela das mulheres de 40 a 50 anos que fazem parte da GS. A amostra do estudo de Fingerman et al (2010) incluiu adultos entre 40 e 60 anos, não apenas mulheres, e Henretta et al (2001), delimitam seu estudo para as mulheres de 55 a 63 anos, enquanto Wiemers e Bianchi (2013) utilizam o intervalo de 45 a 64 anos.

O que essa vasta quantidade de estudos e o debate alçado demonstram é que o tema GS tem sido bem tratado na literatura internacional, ao contrário do que ocorre na literatura

latino-americana. Em um raro exemplo dessa discussão, Artilles (2008), ao mencionar o caso da GS em Cuba, argumenta que o cuidado de idosos e de gerações jovens leva a estados de tensão e preocupação e atenta para a necessidade de mais pesquisas sobre o tema. A autora considera que a "sobrecarga de gênero", ao concentrar as atividades de cuidado entre as mulheres, pode agir como um fator de risco para a saúde as mulheres de meia-idade.

Na literatura brasileira, especificamente, a pesquisa sobre o efeito de se ocupar múltiplos papéis centrou-se basicamente na temática de mercado de trabalho e criação de filhos, negligenciando as demandas por parte dos idosos. Os estudos tratando dessa temática avaliam as variáveis de inserção no mercado de trabalho quando a mulher possui filho(s) corresidentes. Em geral, os trabalhos demonstram que os indicadores das mulheres variam muito mais que os indicadores dos homens, sugerindo que a inserção delas é bem mais sensível ao tipo de família em que estão incluídas (Sorj et al, 2007 p. 587).

Jesus e Wajnman (2013) definiram a GS apenas segundo a co-sobrevivência de mãe e filho e a corresidência com esses parentes. O objetivo das autoras era descrever as características mais prováveis de mulheres que, tendo filhos corresidentes, corresidissem também com suas mães. As análises foram feitas a partir do Censo Demográfico brasileiro de 2010 e consideraram as mulheres de 40 a 50 anos de idade com mãe e filho(s) vivos. Demonstrou-se que a mulheres casadas e fora da força de trabalho apresentaram probabilidades maiores de corresidir também com a mãe, dado que corresidiam também com pelo menos um filho. O efeito da renda sobre a probabilidade de corresidência sugere um formato "U" invertido, já que para mais baixos estratos de renda e para os mais altos encontra-se menor probabilidade de corresidir com a mãe. Acredita-se que os muito pobres não seriam capazes de arcar com a elevação de despesa decorrente do acolhimento de outro parente e os muito ricos, por sua vez, poderiam manter os benefícios da proximidade familiar bancando as despesas em domicílios separados. Esses achados corroboram os de outros autores, como Pierret (2006), Kennedy e Ruggles (2012) e Wajnman (2012).

Lima *et al* (2015) demonstraram que as tendências na proporção de mulheres na condição de GS no Brasil seguem um padrão semelhante ao da transição demográfica. À medida que a mortalidade inicia sua queda e a fecundidade permanece em patamares elevados, a proporção de mulheres "ensanduichadas" aumenta e se mantem em níveis

elevados. Com o avançar da transição, a queda da fecundidade, combinada a mudanças contínuas no perfil etário da mortalidade, fazem com que o percentual de mulheres que cuidam de crianças e que tem, simultaneamente, pais que precisam de cuidados se reduza. Isso significa que houve uma queda da extensão do tempo médio de “ensanduichamento” das mães no Brasil, resultado que corrobora os achados de Mason e Zagheni (2014) a nível global. Os autores se valeram de microssimulações para estimar o percentual de mulheres integrantes da GS. As microssimulações são ferramentas poderosas, mas dependem da adoção de pressupostos bastante simplificadores.

Neste trabalho, optamos por explorar os dados empíricos disponíveis que nos permitem observar, diretamente, o percentual de mulheres ensanduichadas, sem que sejam necessários modelos e pressupostos. As mulheres são o grupo de interesse no estudo da GS, porque, assim como já apontado na literatura, são mais propensas a se engajarem em atividades de cuidados na família e nos domicílios (Brody 1981, 1990; Coward e Dwyer 1990; Motta, 2010).

## **METODOLOGIA**

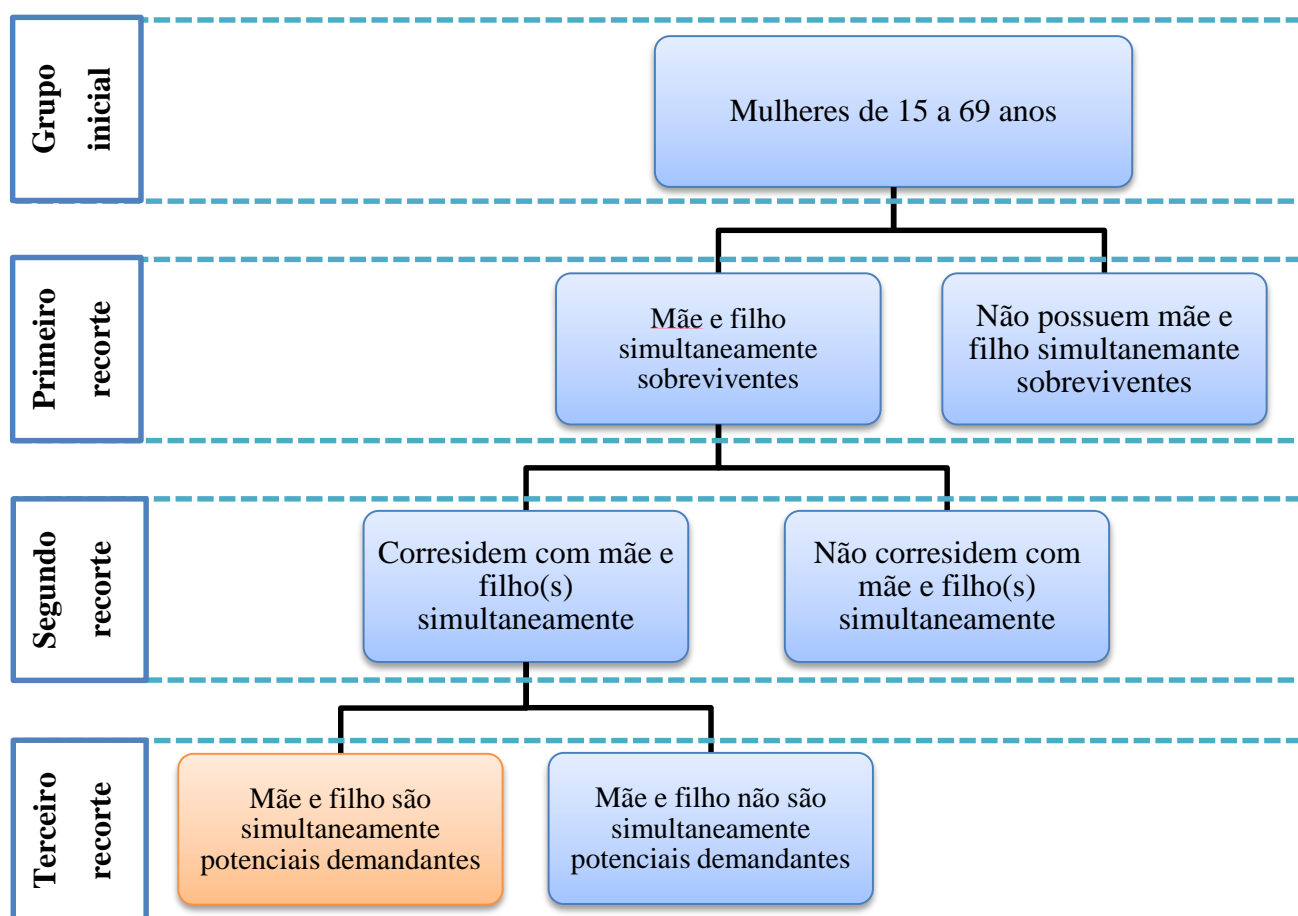
No Brasil, as pesquisas domiciliares constituem a principal fonte de informação para o estudo quantitativo das famílias e dos arranjos domiciliares. As Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílios (PNADs), realizadas anualmente pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), constituem-se como a segunda principal fonte de dados populacionais, após os Censos Demográficos. As PNADs apresentam a vantagem de possuir informações detalhadas sobre características demográficas e socioeconômicas da população e abordar temas específicos, como é o caso do suplemento de saúde do ano de 2008. Tal suplemento permite, no caso deste trabalho, analisar qual é a condição de saúde da mãe presente no domicílio.

A PNAD utilizada neste trabalho é a de 2008, a mais recente divulgada pelo IBGE contendo o suplemento de saúde. Na PNAD 2008, foram entrevistadas 391.868 pessoas e

150.591 unidades domiciliares em 851 municípios distribuídos por todas as Unidades da Federação<sup>4</sup>.

Nesse trabalho, busca-se identificar a GS a partir de uma análise empírica, a partir dos dados das PNADs. O caminho adotado foi eleger um grupo amplo de mulheres, ao qual foram aplicados sucessivos recortes até que se encontrou aquele que mais provavelmente ilustraria a GS no Brasil, considerando as possibilidades de análises com base nas atuais fontes de dados brasileiras. A Figura 1 apresenta a estrutura dos recortes realizados para a identificação da GS.

**Figura 1 - Estrutura dos recortes realizados para a identificação da GS**



**Fonte: elaboração própria**

<sup>4</sup> Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008



O primeiro recorte aplicado foi o de sobrevivência simultânea das gerações de mãe<sup>5</sup> e filho(s) das mulheres que potencialmente poderiam ser caracterizadas como GS. Esse recorte delimitou o primeiro grupo de interesse, o de mulheres em cenário de cossobrevivência de duas gerações de parentes, uma ascendente e outra descendente. É muito provável que nem todas as mulheres que fazem parte desse cenário de cossobrevivência de fato forneçam algum tipo de cuidado a essas gerações simultaneamente, mas a existência desses parentes vivos é condição para que tais trocas se efetivem. Quando analisamos os efeitos associados ao pertencimento à GS, comparando mulheres “ensanduichadas” com as não ensanduichadas, não devemos incluir no segundo grupo aquelas que não estão sob o risco de “ensanduichamento”, devido ao fato de não possuírem a oferta desses parentes. Wiemers e Bianchi (2014) destacam que muitos estudos nem sempre são cuidadosos em determinar o grupo de indivíduos em risco de estar imprensado, o que gera comparações viesadas, já que indivíduos que tem simultaneamente filhos e mães sobreviventes tendem a ter características socioeconômicas e demográficas diferentes dos que não tem.

Esse primeiro recorte parte de mulheres com idade entre 15 e 69 anos. O limite inferior deve-se ao fato de que a partir dessa idade já é possível ter simultaneamente mãe e filho vivos. O limite superior, por sua vez, foi escolhido porque a partir dos 70 anos a sobrevivência simultânea de mãe e filho(s) é consideravelmente mais rara. Esse amplo intervalo acaba considerando mulheres em situações muito distintas daquelas descritas como “ensanduichamento” na literatura. Apesar disso, deseja-se acompanhar toda a extensão do ciclo de vida das mulheres para identificar em quais idades há maior chance de ocorrência dos cenários de cossobrevivência, coresidência e de demandas potenciais. Ao identificar as idades de maior chance de ocorrência desses cenários é possível verificar se a maior disponibilidade desses parentes é acompanhada de maior chance de coresidência. Caso esses eventos não sejam coincidentes, que é uma das primeiras hipóteses com que se trabalha, pode-se supor que outras condicionantes estejam operando sobre as interações entre essas três gerações. Entre essas condicionantes, podem estar as necessidades financeiras dos

---

<sup>5</sup> Vale destacar que a existência de mãe sobrevivente é a única informação de relação de parentesco fora dos limites do domicílio inquerida pelas pesquisas domiciliares. Por essa razão, esse estudo limita a mãe como o o único parentesco ascendente analisado.

filhos e de cuidados por parte da mãe, sendo que a coresidência poderia ter sido a estratégia escolhida para favorecer essas trocas.

O segundo recorte aplicado foi o de coresidência simultânea com a geração de mãe e a geração de filho(s). O terceiro e último recorte é de existência de demandas potenciais das gerações de mãe e filho(s) coresidentes.

As gerações potencialmente demandantes, como o próprio termo indica, são aquelas com características às quais atribuímos maiores chances de gerar demandas para a geração intermediária de mulheres entre elas. Para os filhos, sob a hipótese de que crianças demandam cuidados de certo modo constantes, definimos que a idade de 14 anos ou menos caracterizaria uma demanda potencial. Evidentemente, os filhos não deixam de produzir demandas após essa idade, no entanto, assumimos que até essa idade as demandas competem diretamente com outras atividades da vida da mulher, já que tratam-se de cuidados requeridos de maneira praticamente constante ao longo dos dias. Além disso, entende-se também que até essa idade existe uma baixa participação dos filhos nas atividades domésticas ou em outro tipo de atividade de cuidado no domicílio, enquadrando os filhos na situação predominante de potencialmente demandante.

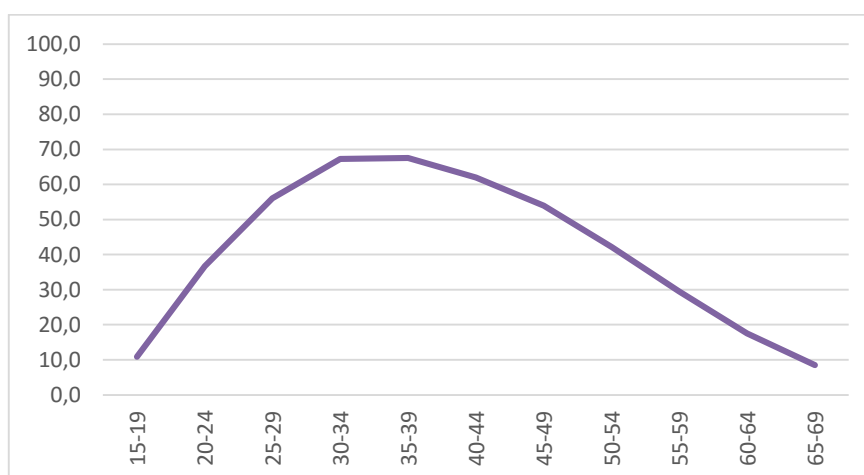
Para a mãe, será considerada potencialmente demandante aquela mulher que tenha respondido “Não consegue”, “Tem grande dificuldade” ou “Tem pequena dificuldade” ao quesito “normalmente, por problema de saúde, tem dificuldade para alimentar-se, tomar banho ou ir ao banheiro, seja essa dificuldade pequena, grande ou totalmente incapacitante” (PNAD 2008). Acredita-se que essas mulheres têm maiores chances de demandar cuidados instrumentais da GS.

Por fim, depois de identificada a GS, foram estimados modelos de regressão logística múltiplos para a identificação das características sociodemográficas e econômicas associadas a cada contexto de demanda potencial, das mães e dos filhos. Tais modelos não foram empregados com o intuito de estabelecer causalidade entre as demandas dessas gerações e as variáveis sociodemográficas e econômicas das mulheres consideradas GS; mas para identificar as características predominantes em cada caso.

## RESULTADOS

Como descrito anteriormente, o ponto de partida para a identificação empírica da GS é o grupo de mulheres com idade entre 15 e 69 anos. Em 2008, havia no Brasil pouco mais de 30 milhões de mulheres nesse intervalo etário. O Gráfico 1 apresenta a proporção por grupo de idade das mulheres para as quais a sobrevivência simultânea da mãe e de pelo menos um filho é observada. Aproximadamente 45% das mulheres nesse intervalo etário possuíam esses parentes simultaneamente vivos. Percebe-se, ainda, que entre as idades de 30 a 39 anos estão as maiores chances de ocorrência desse fenômeno, aproximadamente 70% dessas mulheres possuem mãe e filho(s) simultaneamente vivos.

**Gráfico 1 – Proporção de mulheres de 15 a 69 anos de idade por grupos de idade que possuem filho(s) e mãe sobreviventes. Brasil, 2008.**



Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

A Tabela 1 apresenta a proporção de mulheres em cada grupo de idade que compartilham o domicílio com mãe e filho(s), considerando (i) todas as mulheres e (ii) apenas as mulheres com mães e pelo menos um filho simultaneamente sobreviventes.

Em ambos os casos – total de mulheres e mulheres com filhos e mãe simultaneamente sobreviventes –, a maior parcela de mulheres corresidindo simultaneamente com mãe e filho está entre as mulheres de até 29 anos de idade. Pode-se inferir, portanto, que a corresidência não se dá nos períodos em que há maior oferta de filhos e mães sobreviventes (gráfico 1), mas muito provavelmente em momentos de maior exigência de apoio entre essas gerações. A maior chance de corresidência com a geração de mãe e filho em idades mais jovens é provavelmente decorrência do contexto de fecundidade precoce, em que muitas vezes há

também a ausência de cônjuge. Achados como o de Wajzman (2012) corroboram a hipótese de que essa coresidência está associada à fecundidade precoce e tem se tornado mais comum do que foi no passado no Brasil. A autora constatou que houve, nas últimas décadas, um declínio da proporção de famílias estendidas em que a extensão se dá pela presença de pais e outros parentes do responsável pelo domicílio, mas sim pelo aumento da presença de netos. Em 2000, 56,0% das famílias estendidas possuíam netos. Estes, na maior parte dos casos tinham no domicílio apenas as suas mães, quase sempre filhas do responsável pelo domicílio, ou nenhum dos pais (37,4% dos casos).

**Tabela 1 – Proporção em cada grupo de idade de mulheres com mãe e filho(s) coresidentes, considerando todas as mulheres e apenas as mulheres com mães e pelo menos um filho simultaneamente sobreviventes.**

Grupos etários	Mulheres com mãe e filho(s) coresidentes, todas as mulheres (%)	Mulheres com mãe e filho(s), com mães e pelo menos um filho simultaneamente sobreviventes (%)
15-19	2,68	23,55
20-24	6,36	16,77
25-29	6,13	10,70
30-34	5,29	7,68
35-39	3,70	5,40
40-44	3,45	5,44
45-49	2,60	4,67
50-54	2,19	5,05
55-59	1,79	5,88
60-64	1,13	6,32
65-69	0,52	5,56

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

Percebe-se, então, que a GS não pode ser identificada simplesmente pelo critério de maior prevalência de coresidência multigeracional, uma vez que essa maior prevalência se concentrou entre as mulheres jovens, que muito se distanciam da definição na literatura para GS, sobretudo porque ao invés de proverem cuidados para as gerações ascendentes e descendentes simultaneamente, elas provavelmente estão recebendo, junto com seus filhos, cuidados e transferências de suas mães. Apesar de essas mulheres não estarem posicionadas entre essas gerações, no modelo multigeracional apresentado na literatura, essas mulheres oferecem apoio a duas gerações, ambas descendentes. Para um percentual relativamente

expressivo dessas mulheres corresidentes com filhas e netos, cerca de 7%, observa-se também a presença da geração de suas próprias mães no domicílio. Essas mulheres, que compartilham o domicílio com mais três gerações, certamente devem ser classificadas como Geração Sanduíche. Pennec (1997) e Goldstein *et al* (2012) consideram como geração “ensanduichada” não apenas aqueles adultos entre pais e filhos, mas entre pais, filhos e netos.

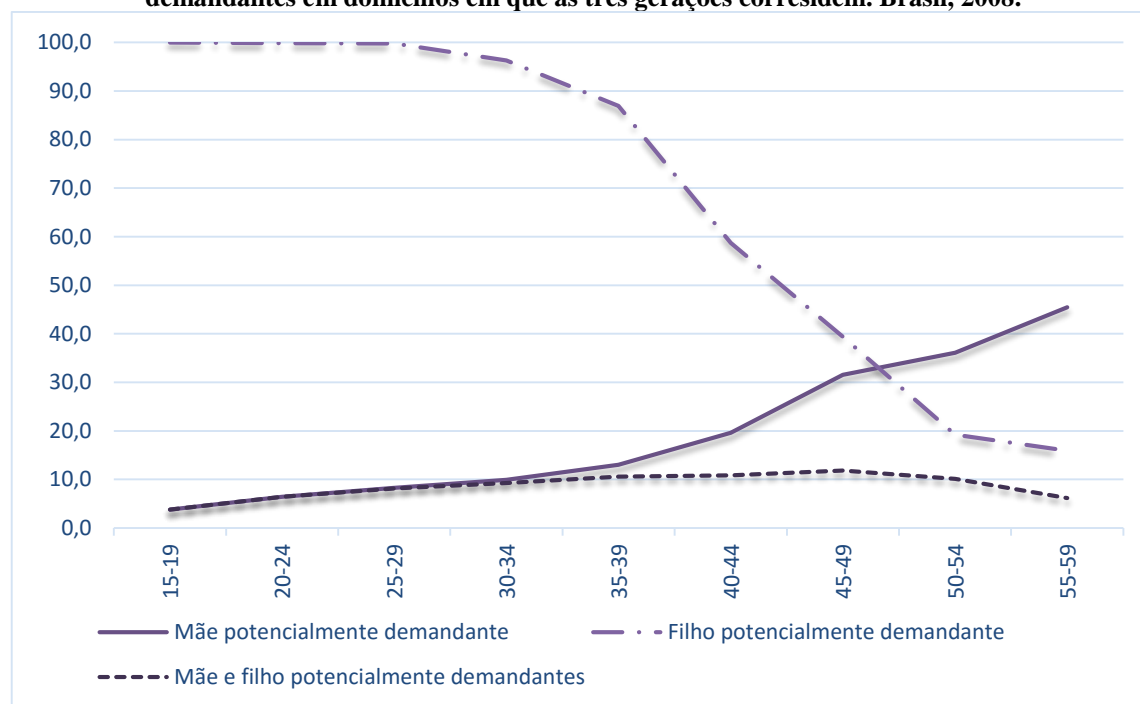
Dando continuidade ao processo de identificação da GS, interessa-nos saber em quais fases do ciclo de vida da mulher concentram-se as maiores chances de experimentar o cenário de múltiplas demandas no domicílio. Acreditamos que o grupo de mulheres corresidentes com gerações ascendente e descendente potencialmente demandantes no intervalo de idade em que há maior chance de ocorrência desse fenômeno é parte da GS possível de ser identificada pelas atuais fontes de dados do Brasil. O Gráfico 2 apresenta a proporção por grupo de idade de mulheres 15 e 59<sup>6</sup> anos com filhos, mãe e ambas as gerações potencialmente demandantes em domicílios em que as três gerações corresidem.

Como se depreende da análise do Gráfico 2, o aumento da idade mulher comprimida entre as gerações ascendente e descendente é acompanhado de uma diminuição o fardo dos filhos. À medida que a mulher se torna mais velha, seus filhos também se tornam e uma proporção decrescente deles terá menos de 14 anos. Para as mães potencialmente demandantes, o comportamento é distinto. Ainda no Gráfico 2, observa-se que à medida que a mulher se torna mais velha, sua mãe também envelhece e passa a ser mais frequente que tenha limitações em realizar atividades básicas do dia a dia por motivos de saúde. Para as mulheres do grupo de 15 a 19 anos, por exemplo, verifica-se que menos de 5% possuem mães em situação de potencial demanda. Para o grupo de 55 a 59 anos, o quadro já é de mais de 45% das mães com potenciais demandas.

---

<sup>6</sup> Os grupos etários de 60 a 64 e 65 a 69 anos, por representarem um grupo relativamente pequeno, não podem ser desagregados por condição de saúde da mãe e idade dos filhos.

**Gráfico 2 – Proporção por grupo de idade de mulheres com filho, mãe e ambos potencialmente demandantes em domicílios em que as três gerações corresidem. Brasil, 2008.**



**Fonte:** Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

É interessante destacar como essas duas forças se combinam. O fardo dos filhos diminui com o aumento da idade das mulheres, enquanto a condição de saúde de sua mãe se deteriora. Essas duas forças caminham de maneira que se observa uma maior prevalência da coresidência com demandas potenciais no domicílio para as mulheres de 40 a 44 anos e de 45 a 49 anos. Em ambos os grupos etários, um percentual aproximado de 10% das mulheres coresidentes com mãe e filho(s) estão diante de demandas potenciais das duas gerações no domicílio. Dada a estratégia de identificação que definimos aqui, essas mulheres compreendem o grupo que, empiricamente, pode ser descrito como a Geração Sanduíche no Brasil. São, portanto, mulheres entre 40 a 49 anos, coresidindo simultaneamente com mães e filhos potencialmente demandantes e que representam em torno de 10% do total das mulheres, desse grupo etário, que coresidem simultaneamente com mãe e filho(s). Este é percentual de mulheres que já tendo no domicílio a geração de mãe e filho, enfrenta demandas potenciais por parte de ambas as gerações.

Mesmo sendo possível identificar o maior percentual de mulheres com demandas potenciais simultâneas no domicílio no intervalo de idade a 40 a 49 anos, deve-se destacar

que este montante não é muito distinto daquele observado nas demais idades. Contudo, o intervalo de idade escolhido coincide com o que já foi utilizado na literatura.

Como anteriormente demonstrado, o “ensanduichamento”, tomando como definição a presença de mãe e filho potencialmente demandantes no domicílio, não é cenário típico na vida das mulheres em meia idade no Brasil. Observou-se que no momento do ciclo de vida com maior chance de demandas simultâneas no domicílio, apenas 11% das mulheres sob o risco de “ensanduichamento” estavam de fato em tal situação. Esse resultado corrobora os achados de baixas prevalências de “ensanduichamento” entre os adultos estudados na literatura, como os apresentados por Pierret (2006), Höpflinger e Baumgartner (1999) e Evandrou *et al* (2002).

Para sumarizar os recortes aplicados até a identificação da Geração Sanduíche, apresenta-se a Tabela 2, que possui a frequência e a distribuição relativa da população feminina de 15 a 69 anos de idade, segundo cada um dos recortes aplicados, o de cossobrevivência, o de coresidência e de coresidência com as gerações de filho(s) e mãe potencialmente demandantes. Como se depreende dessa tabela, no Brasil, em 2008, havia cerca de 30 milhões de mulheres em cenários de cossobrevivência, ou seja, com mãe e filho simultaneamente vivos. Esse montante representa 44,6% de toda a população feminina nesse intervalo etário. Percebe-se que, ao caminhar pelos sucessivos recortes, terminamos com um total de aproximadamente 50 mil mulheres integrantes da GS tal como definimos<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Lima et al (2015) apresentam estimativas do percentual de mulheres “ensanduichadas” a partir da década de 1980 até 2000 no Brasil, bastante similares, ou seja, inferiores a 1% da população de mulheres. Nas estimativas dos autores, foram utilizadas apenas funções de mortalidade, fecundidade e de casamento em microssimulações. Assim, quando foi definida a existência de uma geração dependente, fosse ela a de filhos ou a de pais, esta foi feita apenas com base no critério de sobrevivência. Foram consideradas “ensanduichadas” as mulheres que possuíam a oferta de parentes, sem qualquer outro critério objetivo que apontasse para a realização de transferências e cuidados simultâneos, como a coresidência. Os autores consideraram que uma mulher estaria ensanduichada se tivesse ao menos um filho vivo com menos de 10 anos e uma mãe que estivesse a cinco anos da idade provável da morte.

**Tabela 2 – Frequência e distribuição relativa da população feminina de 15 a 69 anos de idade segundo cenários de cossobrevivência e coresidência com filho(s) e mãe e “ensanduichamento” Brasil, 2008.**

Grupos	Frequência	Percentuais
População feminina 15 a 69 anos	68.803.202	100,00
Com mãe e filho cossobreviventes	30.661.100	44,56
Com mãe e filho coresidentes	2.511.815	3,65
Com mãe e filho coresidentes potencialmente demandantes	206.056	0,30
Geração Sanduíche	44.407	0,06

Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE

### *Caracterização da GS*

A seguir são apresentados os resultados dos modelos de regressão logística estimados para a identificação das características sociodemográficas e econômicas associadas a cada contexto de demanda potencial da geração de filhos e da geração de mães. Temos um primeiro modelo cuja variável resposta é “possuir filho potencialmente demandante”, cujos resultados se encontram na Tabela 1, e um segundo modelo cuja variável resposta é “possuir mãe potencialmente demandante”, cujos resultados se encontram na Tabela 2. Em ambos os casos, foram consideradas as mulheres de 40 a 49 anos que coresidem simultaneamente com mãe e filho.

No caso do primeiro modelo, observou-se que a escolaridade (medida pelos anos de estudos) e a participação no mercado de trabalho (ser economicamente ativa) associa-se positivamente com a probabilidade de ter filhos potencialmente demandantes, ou seja, com idade igual ou inferior a 14 anos. Ser da cor/raça parda ou preta, por outro lado, associa-se negativamente a esta probabilidade. Os resultados do segundo modelo (que testa a probabilidade de ter mãe potencialmente demandante), o que se percebe é que essas mesmas variáveis - escolaridade e participação no mercado de trabalho – associam-se a maior prevalência de existência de demandas potenciais. A raça/cor parda e preta, por sua vez, está associada a maiores prevalências de mães potencialmente demandantes.



**Tabela 3 – Coeficientes estimados a partir de modelo logístico para a probabilidade de ter filho potencialmente demandante no domicílio dado que a mulher coreside com mãe e filho. Brasil, 2008.**

Variáveis	Coeficiente	Desvio Padrão	P> z
Idade	-0,1659	0,0013	0,0000
Ser chefe	-0,1780	0,0088	0,0000
Ter cônjuge no domicílio	0,3545	0,0082	0,0000
Proporção da Renda da mãe da mulher na renda domiciliar	0,0028	0,0000	0,0000
Número de moradores	-0,1576	0,0030	0,0000
Número de moradores idosos	-0,0099	0,0081	0,2230
Número de filhos no domicílio	0,5227	0,0053	0,0000
Cor/raça Parda ou preta	-0,1295	0,0080	0,0000
Anos de estudo	0,0679	0,0010	0,0000
Logaritmo da renda domiciliar per capita	-0,3734	0,0069	0,0000
Economicamente ativas	0,3419	0,0082	0,0000
Residência no meio urbano	-0,0191	0,0137	0,1630
Região (Norte referência)			
Nordeste	-0,0795	0,0162	0,0000
Sudeste	0,1451	0,0160	0,0000
Sul	0,3241	0,0186	0,0000
Centro-oeste	0,3726	0,0200	0,0000
_cons	8,0184	0,0747	0,0000
Pseudo R <sup>2</sup>	0,0978		

**Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE**

Com relação à idade, os modelos estimados apontam para o que já havia sido demonstrado no Gráfico 2, mulheres mais velhas tem menos chances de terem um filho potencialmente demandante. Por outro lado, o aumento da idade significa maiores chances de que a mãe relate dificuldades para realizar atividades do dia a dia e seja considerada potencialmente demandante.

A posição ocupada pela mulher no domicílio também tem influência diferenciada sobre a probabilidade de coresidência com essas duas gerações. Quando não estão à frente da responsabilidade pelo domicílio, as mulheres apresentam maiores chance de possuir um filho de até 14 anos em casa. Já quando são as responsáveis pelo domicílio, as chances de coresidir com uma mãe potencialmente demandante aumenta. Ainda com relação à composição do domicílio, é possível observar que a presença de cônjuge se associa de modo

positivo à presença tanto da geração de filho quanto da geração de mãe na condição de potencialmente demandantes, assim como o número de filhos.

**Tabela 4 - Coeficientes estimados a partir de modelo logístico para a probabilidade de ter mãe potencialmente demandante no domicílio dado que a mulher correside com mãe e filho. Brasil, 2008.**

Variáveis	Coeficiente	Desvio Padrão	P> z
Idade	0,1225	0,0015	0,0000
Ser chefe	0,5268	0,0101	0,0000
Ter cônjuge no domicílio	0,8674	0,0096	0,0000
Proporção da Renda da mãe da mulher na renda domiciliar	-0,0024	0,0000	0,0000
Número de moradores	-0,0377	0,0033	0,0000
Número de moradores idosos	-0,0528	0,0100	0,0000
Número de filhos no domicílio	0,0759	0,0056	0,0000
Cor/raça Parda ou preta	0,3772	0,0093	0,0000
Anos de estudo	-0,0771	0,0011	0,0000
Logaritmo da renda domiciliar per capita	-0,4524	0,0084	0,0000
Economicamente ativas	-0,4896	0,0089	0,0000
Residência no meio urbano	-0,2804	0,0145	0,0000
Região (Norte referência)			
Nordeste	-0,3344	0,0172	0,0000
Sudeste	-0,4969	0,0172	0,0000
Sul	0,2840	0,0199	0,0000
Centro-oeste	-0,7208	0,0233	0,0000
_cons	-2,5979	0,0858	0,0000
Pseudo R <sup>2</sup>	0,1109		

**Fonte: Elaborado a partir da PNAD 2008 – IBGE**

É interessante notar que a variável proporção da renda da mãe da mulher na renda domiciliar também apresenta coeficiente contrários no caso da presença de filhos e de mãe potencialmente demandantes. Ela foi medida dividindo-se os rendimentos totais declarados pela mãe pelo total da renda declarada no domicílio. Um aumento na participação da renda da mãe na renda total do domicílio se associa a uma diminuição da probabilidade de que tal mãe esteja na condição de potencialmente demandante naquele domicílio. Como não se pode estabelecer relações de causalidade, podemos considerar também que as mães na condição de potencialmente demandantes podem contribuir menos com a renda do domicílio. Por outro lado, quanto maior a participação da renda da mãe na renda do domicílio, maior a chance de existir um filho potencialmente demandante.

Do ponto de vista da renda do domicílio, percebe-se que para mulheres em domicílios com rendimento per capita mais alto há uma diminuição da chance tanto da presença de filhos quanto da presença de mães potencialmente demandantes. Pode-se concluir que, conseqüentemente, as chances de se observar a GS em domicílios de maiores rendimentos são mais baixas.

Os modelos estimados demonstraram que algumas das características que se associaram negativamente à chance de ter um filho potencialmente demandante associam-se de modo positivo à chance de ter uma mãe dependente. O quadro 1 traz um resumo destas variáveis e sua respectiva associação com a presença de cada geração no domicílio.

As variáveis sociodemográficas como idade, posição no domicílio, raça/cor, escolaridade e participação no mercado de trabalho atuam em sentidos contrários, aumentando a chance da presença de uma geração em detrimento da diminuição da chance da presença de outra geração. Provavelmente por este motivo são observadas baixas chances de que os dois eventos ocorram simultaneamente (filhos e mãe ambos potencialmente demandantes).

**Quadro 1 – Variáveis que apresentam efeitos contrários sobre a chance de existência de filho e de mãe potencialmente demandantes no domicílio**

Variável	Tipo de associação	
	Ter filho demandante	Ter mãe demandante
Idade da mulher	Negativa	Positiva
Ser responsável pelo domicílio	Negativa	Positiva
Cor/raça Parda ou preta	Negativa	Positiva
Anos de estudo	Positiva	Negativa
Ser economicamente ativa no mercado de trabalho	Positiva	Negativa
Proporção da renda da mãe da mulher na renda domiciliar	Positiva	Negativa

Fonte: Elaborado a partir dos modelos de regressão apresentados nas Tabelas 3 e 4

Nota: Todas as variáveis têm p-valor<0,05

## CONCLUSÃO

Como anteriormente mencionado, muito pouco tem se debatido sobre Geração Sanduíche, tanto na literatura latino-americana quanto especificamente na brasileira. A falta desse tipo de discussão pode ter sua raiz na escassez de dados e essa escassez ficou evidente neste trabalho. Por um lado, dispomos de uma evolução na captação de relações observadas dentro do domicílio, como ocorreu no último Censo brasileiro realizado, no qual as relações de parentesco foram melhor detalhadas. Por outro lado, apesar da evolução das pesquisas no âmbito domiciliar, praticamente nenhum passo foi dado rumo a um melhor entendimento de relações que extrapolam esse limite físico.

Neste trabalho, buscou-se analisar a Geração Sanduíche no Brasil, discutindo-se as situações de cossobrevivência e coresidência e de potencial dependência entre três gerações. Demonstrou-se que os picos de disponibilidade, coresidência e demandas simultâneas não se dão nas mesmas faixas etárias ao longo do ciclo de vida das mulheres analisadas. O momento de maior oferta simultânea das gerações de mãe e de filhos é dos 30 aos 39 anos, entretanto, não é este o intervalo em que a coresidência com essas gerações é mais provável. A maior prevalência de coresidência com ambas as gerações é entre as mulheres de 15 a 29 anos, supostamente em decorrência das necessidades criada pela maternidade precoce que é uma realidade no caso brasileiro. Já o intervalo etário com maior coresidência de mulheres ensanduichadas entre ascendentes e descendentes potencialidade demandantes é o de 40 a 49 anos.

Como os dados para o estudo das transferências, mesmo as intradomésticas, são escassos nas pesquisas domiciliares, este trabalho optou por analisar as demandas potenciais apenas segundo duas variáveis, a idade do filho corresidente e a condição de saúde, como captada pela PNAD. Considerando apenas essas duas variáveis, percebe-se que a simultaneidade das demandas recai sobre uma parcela bastante restrita de mulheres e por um curto período do ciclo de vida da mulher, concentrado entre os 40 e 49 anos. No entanto, esse parece ser o grupo que melhor se adequa ao conceito de Geração Sanduíche, conforme a utilização dos critérios utilizados na literatura sobre o tema e aplicados ao caso do Brasil. Desse modo, a GS no Brasil seria composta pelo grupo de mulheres de 40 a 49 anos, que

possuem, no domicílio, a geração de mãe com dificuldades de realizar atividades do dia-a-dia e filhos jovens, com 14 anos ou menos.

Observou-se que, no momento do ciclo de vida com maior chance de demandas simultâneas no domicílio, apenas 10% das mulheres que tinham as gerações descendentes e ascendentes sobreviventes estavam de fato em tal situação. Esse resultado corrobora com achados de baixas prevalências de ensanduichamento entre os adultos estudados na literatura, como os apresentados por Pierret (2006), Höpflinger e Baumgartner (1999) e Evandrou *et al* (2002). Os resultados dos modelos para caracterização das variáveis associadas a presença de filhos e de mães potencialmente demandantes indicam que as características que se associam positivamente à existência de um filho potencialmente demandante são as que se associam negativamente à existência de uma mãe potencialmente demandante no domicílio. Interpretamos esse resultado como a evidência de que estas duas situações – ter filhos pequenos ou ter mães com limitações funcionais corresidentes – são conflitantes, o que levaria à relativa escassez de domicílios formados com mulheres vivendo simultaneamente as duas situações. Esta é uma evidência, de todo modo, vai ao encontro do que se apresenta na literatura: a simultaneidade de demandas por parte dos idosos e dos filhos não representa o caso típico na vida das mulheres adultas, podendo ser considerada, inclusive, um cenário pouco provável.

## REFERÊNCIAS

- ARTILES L. Women in the Middle: Cuba's Sandwich Generation. **MEDICC Rev.** Jul;10(3):48. 2008
- BIANCHI, S. M., V. J. HOTZ, K. MCGARRY, e J. A. SELTZER. "Intergenerational Ties: Theories, Trends, and Challenges." In A. Booth, N. Crouter, S. Bianchi, and J. Seltzer (eds.) *Intergenerational Caregiving*. Washington DC: Urban Institute Press. 2008
- BRODY, E. M. "Women in the middle" and family help to older people. **The Gerontologist** 21 (5): 471-480. 1991.
- BRODY, E. M. *Women in the middle: Their parent-care years*. **New York: Springer**. 1991
- COWARD, R. T, & DWYER, J. W. (1990). The association of gender, sibling network composition, and patterns of parent care by adult children. **Research on Aging**, 12,158-181.
- FINGERMAN, K.L., et al. Who Gets What and Why? Help Middle-Aged Adults Provide to Parents and Grows Children. **Journal of Gerontology: Social Sciences**. V. 66, n.1, p-87-98, 2010.
- GRUNDY, E. e JC. HENRETTA . Between elderly parents and adult children: a new look at the intergenerational care provided by the 'sandwich generation'. **Ageing and society**, 26, 2006.
- HENRETTA, JC. et al. Socioeconomic differences in having living parents and children: A US-British comparison of middle-aged women. **Journal of marriage and the family**, v.63, n.3. p.852-867, 2001.
- HÖPFLINGER, F. & BAUMGÄRTNER, D. (1999). "Sandwich-Generation": Metapher oder soziale Realität? ["Sandwich-generation": Metaphor or social reality?]. **Zeitschrift für Familienforschung** 11(3): 102-111.
- JESUS, JC; WAJNMAN, S.: Mulheres das Gerações Sanduíche No Brasil: Uma análise a Partir de dados censitários. VI Congresso da Associação Latino-americana de População realizado em Lima- Peru, de 12 a 15 de agosto de 2014.
- KAHN, JR; CLARADY, C.; BIANCHI, S. "The Reconfigured Sandwich: A Fresh Look at Support from the Middle Generation." PAA, 2014.
- KENNEDY, S.; RUGGLES, S. (2012). Single Parenthood and Intergenerational Coresidence in Developing Countries. *2012 European Population Conference (extended abstract)*. Stockholm.
- KÜNEMUND, H. Changing Welfare States and the "Sandwich Generation": Increasing Burden for the Next Generation? In: ANDERSSON, L. **International Journal of Ageing and Later Life**. Linköping University Electronic Press. Vol. 1, No. 2, pp 11-30. 2006.
- LIMA, e. C., TOMAS, Maria c., QUEIROZ, Bernardo l. The sandwich generation in Brazil: demographic determinants and implications. **Revista Latinoamericana de Población**. Ano 9. Número 16. Janeiro a Junho. 2015.
- MASON, C. and ZAGHENI, E. The Sandwich Generation: Demographic Determinants of Global Trends". Paper presented at the 2014 Annual Meeting of the Population Association of America, Boston.

- MILLER, D. A. "The 'sandwich' generation: Adult children of the aging." *Social Work* (September): 419-423. 1981
- PIERRET C R: The Sandwich Generation: Intra-family Transfers among Middle-Aged American Women. Working paper No.20. Conference of European Statisticians. ECE Work Session on Gender Statistics. Geneva, Switzerland, 23-25 September 2002
- PIERRET, CR., The "Sandwich Generation": Women Caring for Parents and Children, **Monthly Lab. Rev.**, v.3, p.3-4, Sept. 2006.
- ROSENTHAL, C. J., MARTIN-MATTHEWS, A. & MATTHEWS, S. H. Caught in the middle? Occupancy in multiple roles and help to parents in a national probability sample of Canadian adults. **Journal of Gerontology: Social Sciences** 51B(6): S274-S283. 1996
- SORJ, Bila; FONTES, Adriana; MACHADO, Danielle Carusi. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 132, dez. 2007 .
- The American Association for Retired Persons (AARP). "In the Middle: A Report on Multicultural Boomers Coping With Family and Aging Issues " download em: [http://research.aarp.org/il/in\\_the\\_middle.shtml](http://research.aarp.org/il/in_the_middle.shtml).
- The Sandwich Generation: An exploration of the affective and financial impacts of dual caring, June 2013, Ipsos MORI. Download em: <https://www.moneyadvice.service.org.uk/files/sandwich-generation-report-final-100613.pdf>
- TOMAS, C. LIMA, E. QUEIROZ, B. The sandwich generation in Brazil: demographic determinants and implications. Paper presented at the 2014 Annual Meeting of the Population Association of America, Boston. 2014.
- UCHINO, B. N., CACIOPPO, J. T., & KIECOLT-GLASER, J. K. (1996). The relationship between social support and physiological processes: A review with emphasis on underlying mechanisms and implications for health. **Psychological Bulletin**, 119, 488-531
- WAJNMAN, Simone. Demografia das Famílias e dos Domicílios Brasileiros. Tese – FACE/UFMG. Belo Horizonte, 2012, 161 p.
- WIEMERS, E; BIANCHI, S. M. 2013. "Sandwiched between aging parents and boomerang kids in two cohorts of American women." Paper presented at the 2013 annual meeting of the Population Association of America. Also available as Working Paper 2014-16, Department of Economics, University of Massachusetts, Boston.